

Nos anos 50, vivi os meus 20 anos. Foi uma época de vida intensa, nas actividades, nos interesses, nas emoções. Tive muitas vezes a sensação de que estava a colher frutos antes de ter semeado.

Nos anos 50 fui estudante no Técnico, acabei o curso, encetei a vida profissional. Comecei pela investigação em energia nuclear - coube-me a tarefa de estudar métodos de dosagem do U235 nos minérios de urânio existentes em Portugal. (Internacionalmente os jovens profissionais que se dedicavam à Física Nuclear interrogavam-se sobre se "a utilização da energia nuclear para fins pacíficos" legitimava o trabalho numa área que produzira Hiroshima.) Depois foi a participação na realidade da indústria, a entrada no mundo técnico, eficaz, altamente competitivo, da Companhia União Fabril. ~~Aí coube-me fazer~~ parte de uma equipa pioneira: a que dava os primeiros passos na organização da investigação científica na indústria em Portugal. ~~Aí cabia-me~~ a análise sistemática da literatura científica com consequências para os vários ramos de actividade da empresa; com os meus colegas de equipa procurávamos os fundamentos teóricos para a resolução dos problemas concretos que até então eram tradicionalmente resolvidos em Portugal pelo recurso a especialistas estrangeiros. Aí publiquei quinzenalmente as fichas bibliográficas das actividades de investigação que tinham incidência sobre o trabalho de produção e controle de fabrico. Inaugurei a publicação da revista "Indústria". Organizei semanalmente colóquios de actualização científica para os quadros da empresa. Aí vivi a semana de 48 horas de trabalho, a poluição do bairro operário ao lado das fábricas e, mais tarde, as 3 horas de transporte por dia entre o Barreiro e Lisboa.

Nos anos 50 - tinha 24 anos - Foi a independência total em relação à família. Outra casa, outro lugar. Não era costume - as raparigas só saíam da casa da família quando casavam. Foi um tempo de aprendizagem de tudo organizar por mim mesma, sozinha, experiência que milhões de mulheres iriam fazer anos mais tarde, tomadas pela onda larga do movimento de mulheres. Mas foi também nesses anos 50 a descoberta de que havia outras estruturas de vida comunitária a criar e a inventar que iriam permitir outra riqueza de convivência, de inter-ajuda e de irradiação. Era a convicção profunda de que, se a família nuclear não era para algumas mulheres o quadro de vida, ainda menos o era o universo fechado de uma casa povoada de "coisas" deixando no limiar da porta o cuidado e a responsabilidade pelos outros...

Nos anos 50 descobri um Cristianismo vinculado à vida, conduzindo a um grande empenhamento social e assente no que chamávamos então "a vocação intelectual". Fomos várias gerações, vindos de todas as Faculdades de Lisboa, Porto e Coimbra (as únicas Universidades de então) a querer transformar a Universidade, a querer pô-la ao serviço da sociedade, a exigirmos de nós mesmos uma vida dedicada aos outros, através do "pensamento" e do que chamávamos então "a ética do serviço bem feito". Fizemos em 1953 um grande Congresso Nacional com 2000 estudantes de todas as Universidades e um inquérito a cerca de 25% da população universitária. Pensávamos que íamos mudar tudo!

Nesses anos organizei dezenas de reuniões, fiz conferências, dirigi grupos de trabalho. Aprendi a metodologia do trabalho intelectual e, assumindo responsabilidades que me alargavam para além das tarefas tradicionais e das minhas próprias limitações, aprendi as exigências da liderança. Durante 4 anos fui presidente da J.U.C.F. - encontros/seminários/campos de férias/publicações e todos os fins-de-semana cheios, cheios.

Era uma cultura católica - uma sub-cultura na vida do país - mas onde jovens mulheres (entre os 17 e os 25 anos) aprendiam por si mesmas a planear, a estrategizar, a aprofundar as grandes questões. Os leigos na Igreja representavam uma grande força - e as mulheres souberam usá-la.

Foi nos anos 50 que comecei a viver às "dimensões do mundo": a descoberta da Europa próxima e distante, latina e anglo-saxónica, a exaltação das primeiras amizades com gentes de outras terras que deram fisionomia humana ao que até então era só geografia. Como nos entusiasmava o Jean-Christophe, do Romain Rolland, onde se fundiam e se completavam a vertente latina e a vertente germânica da Europa! Era a leitura comparada de Gertrude von le Fort, Francois Mauriac, Paul Claudel, Bernanos, Péguy - universos de paixão absoluta, de perversões do afecto nesse mesmo exagero, dos sacrifícios sem sublimação, do dom de si na exaltação da obra realizada, da mística a atravessar a espessa densidade de afectos violentos. Era a descoberta de Bernard Shaw, de C.S. Lewis, dessa literatura "cristã" em versão inglesa.

Mas era também o tempo dos "Diários" de Miguel Torga, das suas poesias e da identidade nacional que ele a desvendando a percorrer o país, palmo a palmo, e a reconhecer as pedras e as gentes.

Nos anos 50 a poesia pontuou acontecimentos, emoções, estados de alma. A Atica publicava a obra poética de Fernando Pessoa. E como podiam jovens engenheiros, a viverem - pensavam... - uma fase nova da vida do país não se deixarem tomar por esse outro engenheiro Alvaro de Campos?

Nos anos 50 embriagava-me de música. Estudava e trabalhava ao som da Emissora 2. Com o primeiro ordenado comprei o pick-up e o primeiro disco: o concerto n.3 para piano e orquestra de Prokofiev. Havia uma imensa avidez de música nos anos 50. Na Sociedade de Concertos e no Círculo de Cultura Musical assistia a cerca de 15 concertos por ano.

Nos anos 50 fui elaborando, a partir do que pensava e da experiência de mulher em lugares insólitos (fora entretanto eleita presidente do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos), aquilo que viria a tornar-se convicção profunda sobre o papel das mulheres na sociedade. As minhas amigas do tempo da Universidade faziam opções decididas. A grande maioria casavam com colegas, tinham os primeiros filhos, foram e são profissionais de grande competência. Pensávamos umas e outras que éramos ainda parte da geração pioneira. Não sabíamos então que as gerações pioneiras se prolongariam até ao limiar do sec.XXI. Entre raparigas havia uma amizade de intensa partilha, de projectos comuns, de ideal analisado e discutido, de cartas intermináveis. Com os rapazes uma

camaradagem desprezenciosa, e, em muitos casos, uma amizade que se fortalecia no reconhecimento implícito da diferença entre os sexos e que se manifestava numa certa contensão das relações. O jogo de palavras, o prazer da ironia com armas diferentes, o diálogo de ideias atravessado por emoções e afectos - a música da relação entre os sexos inscrevia-se numa gama variada de sinais sem tradução nos costumes de hoje.

Nos anos 50, através da Acção social Universitária e, mais tarde, no meio fabril, percebi que as mulheres viviam não só sexualmente discriminadas pelos homens mas dominadas por eles em formas que violavam toda a dignidade da pessoa humana. Em oficinas só de mulheres, os contramestres exigiam o silêncio face a toda a espécie de chantagem sexual. A JOCF - um movimento muito forte no meio operário - não se cansava de denunciar um caso após outro.

Percebi então que a condição operária, que me levava até à engenharia, se sobrepunha, no caso das operárias, a sua condição de mulheres. As condições físicas do trabalho eram inaceitáveis. Os abortos chegavam a atingir 6 ou 7 por cada mulher trabalhando em fábricas - era um sofrimento marcado em rostos envelhecidos de mulheres que ainda não tinham 30 anos. Mas a violência sexual ia mais longe e a luta contra as causas da prostituição tomava aspectos muito diversos. As poucas mulheres deputadas não se cansavam de denunciar na Assembleia Nacional a prostituição. Mas foi na sub-cultura católica que se procurou ir às raízes socio-económicas do problema e que surgiram os profetas com iniciativas ousadas.

## Fundação Cuidar o Futuro

Nos anos 50 comecei a compreender que o mundo e as questões que se punham noutros lugares tinham que ver com as minhas escolhas, com o meu trabalho, com o meu pensamento. Em 1957, ano da primeira independência de um país africano, o Gana, presidi em Accra ao I Seminário de Estudantes católicos das Universidades ao sul do Saará. Recebi N'Krumah, fiz o discurso de boas-vindas - e, no regresso a Lisboa, fui chamada às várias autoridades da época para justificar o meu entusiasmo pela independência dos países colonizados... Não sei o que mais me marcou nesse primeiro contacto com África - se o sentir pela primeira vez o que é a respiração da floresta tropical que de noite "fala" e se sente crescer, se a perplexidade perante um país que começa a se-lo e as interrogações que daí nascem: o que é mais importante fazer? por onde começar? só escolas de Agricultura, Medicina, Engenharia? ou também as humanidades, o direito, as coisas aparentemente não imediatamente úteis? E que no Seminário participava a primeira geração de estudantes universitários na África negra - Makerere College, com uns escassos 10 anos parecia já uma "velha" universidade...

Mas nos anos 50 foi também o primeiro contacto com a América Latina, em El Salvador. E a descoberta de que para além das tarefas urgentes do desenvolvimento havia o fosso gigantesco entre os que tudo tinham e aqueles que no centro da cidade se acotovelavam para tentar vender aqui um fruto, além uma peça de artesanato, que lhes garantisse o necessário para matarem a fome.

Dessa década data também o encontro com os Estados Unidos. Teve lugar num quadro muito especial - aí vi a vida e as expressões sociais e culturais do movimento do Graal. E ainda hoje não sei se a criatividade que me seduziu era um ambiente geral (se-lo-ia na América ainda afectada pelo McCarthismo e por ideias conservadoras sobre o lugar das mulheres na sociedade??) ou se generalisei a toda a América tudo o que encontrei num dos grupos com maior dinamismo intelectual e, ao mesmo tempo, com uma das mais radicais e pioneiras propostas de formas alternativas de sociedade.

Nos anos 50 vivi uma fase decisiva da minha compreensão do mundo e da minha relação aos acontecimentos, ao trabalho, às coisas. Estimulada por professores e colegas excepcionais procurava o significado das leis do universo físico, a similitude entre os processos que se davam no seio da matéria e os que tinham lugar na sociedade ou mesmo entre duas pessoas. Fascinava-me o universo conceptual para que abriam as equações fundamentais da Física, "sabia" que tudo se move por saltos quânticos, que cada afirmação é um enunciado de probabilidade, que a "energia" é, ao mesmo tempo, uma realidade material e uma realidade imaterial. Começava para mim o pensamento analógico que me haveria de ajudar a "circular" entre formas diversas do saber - e, que, de forma especial, me haveria de ajudar a aprofundar a Fé cristã. Ou ainda, e a outro nível, ganhava forma em mim uma metodologia inter-disciplinar que, tendo naturalmente a sua raiz nas ciências exactas, iria desembocar em outros domínios e, de forma especial, no entendimento da questão política. Mas não fora isso que nos ensinara o "engenheiro": "O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo. O que há é pouca gente para dar por isso."

*João de Deus Pintasilgo*